o mito da "princesa despedaçada e da águia do estresse": a angústia de uma criança[1]

LENITA PACHECO LEMOS DUARTE

[1] Parte deste trabalho foi originalmente apresentado no Mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2002, e na I Jornada do Campo Lacaniano, *As incidências da angústia na clínica*. Belo Horizonte, 1º de novembro de 2002.

introdução

NO PERCURSO QUE VENHO DESENVOLVENDO COM CRIANÇAS, procuro fundamentar de que modo o sintoma da criança se relaciona com a família. Em conexão com outro campo de saber, o do Direito de Família, gostaria de assinalar que as recentes mudanças no Código Civil referentes aos casos de separação conjugal determinam que a guarda da criança será atribuída a quem revelar melhores condições de exercê-la, o que dá margem a diversas interpretações. Entretanto persiste ainda uma rotina antiga em que se concede à mãe o papel de guardiã da criança e ao pai, o de visitante e provedor. Estabelecem-se esquemas de visitação e obrigações para o pai. Assim, na maioria dos casos de litígio conjugal, o contato da criança com o genitor depende dos caprichos da mãe ou de quem detém a guarda. Muitas vezes, o desejo e a subjetividade da criança são simplesmente desconsiderados, quando não anulados, o que não ocorre sem conseqüências e sofrimentos para ela.

Por levar em consideração essa situação, tenho pesquisado na clínica o modo como reagem algumas crianças quando, à emergência da pulsão sexual e da significação fálica do complexo de castração, sobrepõe-se um fator que também pode ser dito real: a separação conjugal dos pais. Pergunto-me que recursos pode encontrar uma criança cujos pais procuram implicá-la como vítima, espectadora e objeto de disputa para lidar com essa situação. Outras perguntas também se colocam. E se a separação real dos pais faz eco às fantasias edipianas de uma criança? Que efeitos pode ter nela a ação das leis do Estado na função de intermediária das relações familiares? Em certos casos de litígio judicial, como responde ao se ver impedida de manter contato com um de seus genitores?

Como postula Freud, a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis expressa a tentativa da criança de elaborar situações traumáticas e de angústia: "Elas repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real e, agindo assim, ab-reagem à intensidade da impressão, tornando-se, por assim

dizer, senhoras da situação"[2]. Freud ressalta que todas as brincadeiras das crianças são influenciadas por um desejo que as domina incessantemente, o de crescer e aparecer, isto é, de fazer o que os adultos fazem. É comum também fazerem de experiências ameaçadoras os temas privilegiados de suas próximas brincadeiras.

Tomando por base os ensinamentos freudianos, além das observações de manifestações de angústia na clínica com crianças, algumas questões sobre o problema da angústia se apresentaram. Qual sua origem e quando ela surge? De que formas pode se manifestar? De que modo Freud e Lacan a conceituaram? Qual sua relação com o sintoma e o desejo? Várias indagações se apresentaram diante de tema tão instigante e enigmático, que percorre diversos textos freudianos desde os primórdios da psicanálise e que Lacan continua a investigar em sua obra.

Para tentar responder a essas perguntas que permeiam o cotidiano da clínica, minha proposta no presente trabalho é fazer inicialmente um breve histórico e tecer algumas considerações sobre a angústia em Freud e Lacan, procurando pesquisar de que modo "o afeto que não engana"[3] se torna presente no sujeito.

Ao fim, procuro ilustrar o contexto teórico pesquisado e estudado apresentando um caso de minha clínica a que dei o nome de O mito da "princesa despedaçada e a águia do estresse".

a angústia em Freud

O problema da angústia percorre os textos freudianos desde muito cedo, e seus pontos de vista a respeito passaram por várias modificações. Encontramos em Freud duas teorias da angústia: uma em que o que está em questão é um acúmulo de energia libidinal impedido de ser normalmente utilizado, situado inteiramente na esfera dos processos somáticos, e outra que indicaria ao eu a eminência do perigo.

primeira teoria: angústia como libido transformada

A primeira teoria surgiu do tratamento dos histéricos e do interesse dedicado à neurose de angústia, como pode ser observado no Rascunho E. enviado a Fliess[4] e no artigo Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia[5]. Nessa época, Freud afirmava que a angústia se desprenderia da insatisfação libidinal e a neurose de angústia estaria relacionada à incapacidade do sujeito de resolver a tensão psíquica interna que dela resulta. Aqui, temos a neurose de angústia fazendo parte das neuroses

[2] Freud. Mais além do princípio do prazer (1920/1976, p.28).

[3] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (Inédito: aula de 19 de setembro de 1962).

[4] Freud. Rascunho E. (1894/1976)

[5] Freud. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia (1895[1894]/1976).

Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo - SP

atuais, cuja etiologia, ao contrário das psiconeuroses, situava-se no tempo presente. Tratava-se de um acúmulo de tensão sexual que não encontrava expressão simbólica, permanecendo conseqüentemente no corpo. O quadro clínico dessa neurose envolve diversos sintomas, entre eles as fobias e o ataque de angústia. Nesse início, Freud atribuía uma origem biológica à angústia, tentando dar um enraizamento científico ao fenômeno que estava descobrindo. Nessa teoria, temos então a angústia como libido transformada.

Na conferência intitulada A angústia[6], Freud ressalta que a angústia é um "estado afetivo", ou seja, uma combinação de certos sentimentos da série prazer–desprazer com descargas que lhes correspondem. A percepção delas provém de um resíduo de certo acontecimento importante que teria deixado atrás de si restos afetivos. Indica o nascimento como a primeira experiência de angústia, como a origem e o protótipo do afeto de angústia, correspondendo ao primeiro momento de separação da mãe. Nessa conferência ele propõe, inicialmente, uma diferenciação entre a angústia realística e a angústia neurótica, que depois desfaz. Freud se interroga sobre a possibilidade de relacionar a angústia neurótica, na qual o perigo desempenha papel mínimo ou nulo, à angústia realística, que invariavelmente é uma reação à percepção de um perigo externo, de um dano esperado e previsto. A reação ao perigo consiste em uma mistura de afeto de angústia e reação defensiva. Freud acaba considerando que onde existe angústia deve haver algo que se teme. Supõe que a angústia neurótica é enigmática e sem propósito, sendo encontrada sob três formas: angústia expectante (livre e flutuante), pronta para se ligar a alguma idéia apropriada a esse fim; fobias, nas quais encontramos a angústia vinculada a determinados objetos e situações e o medo é exagerado e desproporcional, e a angústia própria da histeria e de outras neuroses graves, em que a conexão entre a angústia e um perigo ameaçador foge completamente à nossa percepção. Nessas neuroses, a angústia acompanha os sintomas ou surge de uma forma independente, como um ataque espontâneo ou um estado persistente, sem que se descubra um vínculo com o perigo externo.

[6] Freud. Conferência XV: A angústia (1917[1916/1976).

Segundo Freud, as fobias infantis e a expectativa angustiada da neurose de angústia nos fornecem exemplos de uma das formas em que surge a angústia neurótica, ou seja, como a transformação direta da libido insatisfeita.

Freud se apoiou em algumas fobias freqüentes em crianças pequenas para buscar a gênese da angústia e a origem da angústia neurótica que se vincula às fobias. Considerava algumas

fobias muito enigmáticas, mas achava que outras, como o medo de estar só e o medo de estranhos, podiam ser explicadas de forma convincente. Para Freud, a criança tem medo de um rosto estranho porque está habituada à vista de uma figura familiar e amada, basicamente sua mãe. Diz ele: "A criança é incapaz de controlar sua excitação libidinal, pois esta de fato tornou-se inaplicável, não podendo assim, ser mantida em estado de suspensão, sendo descarregada sob a forma de angústia"[7]. Freud insiste na importância primordial da separação da mãe como fator de origem da angústia. Essa angústia infantil não deve ser considerada pertencente ao tipo realístico, e sim neurótica.

[7] *Ibid.*, p.474.

Outra forma de angústia neurótica é encontrada na histeria e em outras neuroses como efeito do processo de repressão (recalque). Na neurose histérica, a operação de recalque pode ocorrer com certa eficiência. O conteúdo ideativo, que ele chamava de representação incompatível, é de fato recalcado, e o afeto da angústia é condensado em uma parte do corpo pela conversão. Na neurose obsessiva, o recalque não é tão bem-sucedido, porque o mecanismo predominante é o deslocamento. A condensação, no caso da histeria, quase não deixa resto. No deslocamento, porém, a angústia acompanha a representação substitutiva. Segundo Freud, na neurose obsessiva existe a representação incompatível que sofrerá o recalque, mas, em lugar de condensar o afeto correspondente em uma parte do corpo que represente metaforicamente essa representação incompatível, que é o mecanismo da histeria, o afeto é deslocado para outra representação mental, que recebe toda a carga da angústia. O mesmo ocorre na fobia. É a partir da neurose obsessiva e da fobia que Freud se preocupa e postula que é a libido, proibida, incestuosa, censurada pela lei do pai, que se transforma em angústia. Ele ressalta que, nas fobias, vê-se claramente como esse perigo interior é transformado pelo eu como se fosse um perigo exterior e, desse modo, a angústia neurótica é transformada em aparente angústia real.

Embora Freud insistisse na primeira teoria de que a angústia neurótica era simplesmente libido transformada, desde o início indicou a estreita relação entre a angústia devida a perigos externos e aquela suscitada por perigos internos, pulsionais.

segunda teoria: a angústia como sinal

[8] Freud. Inibições, sintomas e angústia (1925[1916/1976).

Em Inibições, sintomas e angústia[8], Freud continua trabalhando a relação entre a angústia realística e a angústia neu-

rótica, preocupando-se com um tema que se desdobrará no restante da obra, a angústia como sinal de perigo, e não mais como libido transmutada. Ele faz a distinção entre a angústia como reação direta e automática a um trauma e a angústia como sinal de perigo da abordagem desse trauma. O determinante fundamental da angústia automática é a ocorrência de uma situação traumática, e sua essência é a experiência de desamparo por parte do eu em face de um acúmulo de excitação de origem externa ou interna com a qual não se pode lidar. A angústia como "sinal" é a resposta do eu à ameaça de ocorrência de uma situação traumática que constitui uma situação de perigo.

Como foi dito, a geração da angústia é a reação do eu ao perigo e o sinal para empreender a fuga. Freud afirma, portanto, que a angústia é a reprodução de algum acontecimento perigoso e pode ser anulada pela produção de sintomas. O eu é a única sede da angústia, e somente o eu pode produzi-la e senti-la.

Freud indica a existência de vários perigos específicos capazes de precipitar uma situação de angústia própria a cada período de vida: o nascimento, a perda da mãe como objeto, o perigo da castração, o perigo de perder o amor do objeto e o amor do superego. Esses perigos possuem uma característica comum, a saber, envolvem a separação ou a perda de um objeto amado ou a perda de seu amor, que poderão conduzir a um acúmulo de desejos insatisfeitos, levando a uma situação de desamparo. Freud enumera as principais necessidades que dão lugar a estímulos endógenos que exigem descargas – fome, respiração e sexualidade – observando que, em certas condições, essa descarga "exige uma alteração no mundo externo [...] que em fases iniciais o organismo humano é incapaz de alcançar"[9]. Necessita-se, assim, de "ajuda estranha", que a criança atrai com seus gritos. Aqui, Freud indica "o desamparo original dos seres humanos", a necessidade de atrair a atenção da mãe ou de um substituto, que é em geral o próprio objeto desejado, para suprir, com uma "ação específica", suas demandas e aflições.

[9] Freud. Projeto para uma psicologia científica (1895/1976, parte I, seção 11)

Paralelamente, Freud questiona o perigo real que a criança teme em conseqüência de seu enamoramento pela mãe, respondendo que, na fase fálica, observa-se que a angústia de castração substitui a angústia do nascimento. Ressalta que o perigo da castração é um dos impulsionadores mais freqüentes da repressão e da produção de neuroses. Nas mulheres, é enfatizado outro perigo, o medo da perda do objeto amado, que está explicitamente relacionado com as características da sexualidade

feminina. No caso clínico do pequeno Hans[10], Freud reprova a aplicação da expressão "complexo de castração" às outras espécies de separação que a criança deve inevitavelmente experimentar. É possível observar aqui que os indícios do conceito de angústia devido à separação se tornam proeminentes.

Nas conferência intitulada *Angústia e vida pulsional*[11], Freud faz alguns acréscimos à conferência sobre a formação dos sintomas[12] e resume sua teoria, distinguindo três formas de afeto de angústia: a neurótica, a real e a moral, que podem ser relacionadas às três relações de dependência do eu, com o mundo exterior, com o isso e com o supereu. A angústia real é a dependência do eu em relação ao mundo exterior; a angústia neurótica marca a dependência do eu em relação ao isso; e a angústia moral, a dependência do eu ao supereu. Desse modo, temos que a angústia é de estrutura e, portanto, inevitável. Essas três formas correspondem às diversas experiências vividas pelo sujeito, que vão do simples mal-estar ao pânico. Em todos os casos, a angústia constitui uma reação a um perigo assim sentido pelo sujeito, sem que por isso este consiga apreendê-la precisamente, e menos ainda explicá-la para si mesmo. Diferentemente do medo, que se refere a um objeto bem definido, e do pavor, que traduz o efeito de surpresa em um sujeito não preparado para a irrupção de determinado acontecimento.

Segundo Freud, existe uma relação funcional entre a produção da angústia e a formação do sintoma, e ele observa aí uma ação recíproca em que os dois fenômenos podem se substituir mutuamente, pôr-se um no lugar do outro. Quanto aos rituais obsessivos, que o sujeito não consegue se impedir de realizar, sobre o risco de provocar em seu lugar um transbordamento de angústia, Freud fornece a seguinte hipótese: "Na verdade, parece que a produção de angústia precedeu à formação do sintoma, como se os sintomas tivessem sido criados para impedir o aparecimento do estado angustiante"[13]. Em contraste com os sintomas obsessivos, temos os sintomas fóbicos, em que o sintoma ainda se soma à inibição: ele consiste, sob o efeito da censura, em um deslocamento do afeto preso à representação recalcada para outra representação, mais anódina, que por sua vez vê seu acesso ao consciente interditado pela ação do processo inibitório.

Com a ajuda dos textos da metapsicologia, Freud confirmará essa hipótese, a mesma que deu lugar à segunda teoria da angústia: "Não é o recalcamento que provoca a angústia, mas sim a angústia, que aparece primeiro, que causa o recalcamento"[14]. Isso quer dizer que a angústia, em vez de remeter a

[10] Freud. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909a/1975, nota de rodapé acrescentada em 1923).

[11] Freud. Conferência XXXII: Angústia e vida pulsional (1932-1936/1976).

[12] Freud. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas (1916-1917b/1976).

[13] Freud. Conferência XXXII (*op. cit.*, p.106).

[14] *Ibid.*, p.108.

uma quantidade de libido deixada sem emprego, continuaria a sinalizar a proximidade de um perigo externo contra o qual o eu procuraria, a partir de então, proteger-se, recalcando seus desejos pulsionais. Freud chegou a essa conclusão ao levar adiante a análise da fobia do pequeno Hans. Para Hans, trata-se de um verdadeiro perigo externo, e a angústia se revela bem real. Se o menino teme tanto as exigências de sua libido, em particular o amor que sente pela mãe – o que dá lugar a uma angústia neurótica –, é também porque esse estado de tensão interna evoca outro perigo pelo qual a criança se julga ameaçada de continuar presa à mãe: o perigo da castração, a perda do membro viril. Para Freud, o importante é que a ameaça venha do exterior e tenha sido reforçada pela transmissão filogenética.

Como ressalta Freud, o recalque nunca é perfeito, algo fica, e a angústia é o sinal de que algo pode retornar. No texto *A repressão*[15], ele chama de repressão ao recalque secundário, uma vez que só acedemos ao primário por dedução. Só temos acesso ao recalque primário a partir do secundário, do qual deduzimos a existência de um primário. A partir daí, Freud chama de recalque ou repressão o recalque secundário. Quando ele diz que há um recalque primário que libera uma angústia responsável pelo recalque, não está se contradizendo, porque esse excesso de angústia gera sintoma, mas também recalque, o recalque secundário. As novas representações são atraídas para esse núcleo do recalque primário, a partir da angústia. A angústia aparece como sinal, e aí cria-se um sintoma ou reprime-se aquilo. De qualquer maneira, fortalece-se a repressão. Retornando aos textos da metapsicologia, Freud fala de um mecanismo complexo em relação ao recalque secundário e diz que, por um lado, o recalque primário tem uma força de atração que se exerce para todas as representações que se aproximam dessa representação primeira recalcada. Por outro, fala em contra-investimento: isso cria uma força contrária, que podemos supor seja uma força do próprio recalque, algo que empurra a representação para o recalque. Em *O seminário – livro I: Os escritos técnicos de Freud*, Lacan retoma o ponto dessa força centrífuga que suga tudo que ameaça se aproximar desse primeiro recalcado. Aqui, a angústia está profundamente relacionada ao recalque.

[15] Freud. A repressão (1915/1976)

a angústia na obra de Lacan – algumas observações de *O seminário 10*

A partir de *O seminário – livro 10*, Lacan tenta separar a angústia do recalque primário, quando fala das primeiras formas de constituição do sujeito, situando a angústia em um ponto anterior à representação do sujeito, um ponto anterior ao recalque.

Na primeira lição desse seminário, Lacan marca a relação essencial da angústia com o enigma do desejo do Outro, baseando-se no grafo do desejo de A subversão do sujeito e a dialética do desejo e ilustrando-a com a fábula do louva-a-deus. Diante da questão do desejo, "O que o Outro quer de mim?", o sujeito responde com a fantasia para aplacar a angústia. É um momento paradoxal da angústia, de horror absoluto e desamparo, ou seja, quando o sujeito se interroga sobre o que ele é e o que representa para o desejo do Outro. Segundo Lacan, a fantasia tem a mesma estrutura da angústia e é ela que sustenta o desejo. A função angustiante do desejo do Outro está ligada ao fato de o eu não saber que objeto *a* representa para tal desejo. O "Que queres?" abre a questão da identificação e da reversibilidade do desejo.

Lacan se interroga: "O que é a angústia?". Descarta que se trate de uma emoção e, tendo como referência a concepção freudiana, define a angústia como um afeto que não está recalcado. Diz ele: "O afeto está desamarrado, ele segue à deriva. Nós o encontramos deslocado, louco, invertido, metabolizado, mas não recalcado. O que está recalcado são os significantes que o amarram"[16]. Mais adiante, conceitua a angústia como "um afeto que não engana".

[16] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (*op. cit.* p.22).

Nesse seminário, Lacan formaliza definitivamente o objeto *a*, mostrando a diferença entre os objetos parcelares da pulsão. Parcelares porque contêm no plural uma fatia da Coisa, de *das Ding*, encarnada primeiramente na figura do Outro materno, como ele indicou no seminário *A ética da psicanálise*. Eles representam, mas não são o objeto *a*, são semblantes do objeto *a*. O objeto *a* é uma ficção, é uma imagem, não pode ser especularizado, é só semblante.

A angústia em Freud é a angústia de castração, e para Lacan não é apenas o horror da castração, mas também uma angústia pela aproximação do objeto *a*. Além dos objetos da demanda oral e anal, Lacan acrescenta os objetos do desejo, o olhar e a voz.

Lacan toma as duas modalidades paradigmáticas da angústia, de encobrimento da possibilidade de emergência desse objeto *a*: i (*a*), a imagem do outro, e ($\$ \lozenge a$), a fantasia. Essas são as tentativas de enquadrar o objeto *a*, torná-lo tolerável e impedir o avanço da angústia. É a tentativa de enquadramento do objeto *a* de modo que a angústia não se torne presente. Lacan ressalta que a imagem do outro não pode ser reconhecida, a não ser a partir do simbólico.

O sujeito humano assume sua imagem especular, nela se aliena, acredita que ela é sua e tenta preservar aquela imagem

que ele acha que é a dele. Isso é o narcisismo, isso é o encobrimento da angústia. Nas primeiras lições de *O seminário – livro 10*, Lacan usa como exemplo a questão do duplo e a do *Unheimlich*, que são rompimentos dessa proteção especular. No fenômeno do duplo, ilustrado pelo conto de Hoffman *O homem de areia*, analisado por Freud em 1919, o sujeito se estranha e passa a ver a imagem especular, que é o outro como duplicação de si mesmo. Esse fenômeno é comum na psicose, sendo freqüente o estabelecimento de um duplo no qual o sujeito deposita seu eu. O fenômeno do *Unheimlich*, que é o fenômeno da representação do estranho familiar, Lacan toma como exemplo o caso de Freud, que ao abrir a porta vê um velho horroroso no espelho. Ao sair, percebe logo depois que o velho feio era ele, quebrando a proteção especular. Houve um *fading*, um momento em que a pessoa não reconhece sua própria imagem no espelho do Outro.

No estádio do espelho, Lacan define que o eu é sempre ideal, porque o eu é uma *gestalt*, e ressalta como a *gestalt* faz uma boa forma, ela é totalizante. A imagem do espelho é toda, por isso é cativante. Ela não especulariza a falta, o -φ não aparece no espelho. Lacan ressalta, na lição três, que nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. A afirmação de que aquela imagem é sua significa que ali está a subjetividade. Entretanto, como sujeitos, somos divididos pela falta e pela castração. Nos é dada uma imagem totalizada, e colamos essa imagem ali onde somos castrados, faltantes, e a imagem reveste a falta, podendo manter a ilusão de não sermos faltantes.

Lacan fala da articulação entre o estádio do espelho e o significante, corrigindo equívocos como, por exemplo, o de que existe uma estrutura narcísica prévia ao significante. No esquema L (Fig. 1), mostra a articulação do sujeito à imagem especular, afirmando que não há um imaginário prévio ao simbólico. Há o eixo imaginário do sujeito à imagem especular, o sujeito diante de sua imagem no espelho, e isso só se estrutura a partir do Outro da linguagem.

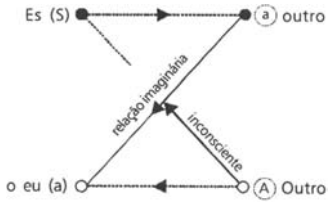


Figura 1: esquema L

Esse é o esquema L que Lacan usa em *O seminário – livro 2*. A imagem especular está sustentada no Outro, no simbólico. O que sustenta a identificação imaginária no estádio do espelho é quando a criança se reconhece na imagem especular, garantida no momento em que vira o rosto, buscando no adulto um olhar de confirmação. O olhar é a palavra de confirmação que garante para a criança que aquela imagem é dela. A criança se reconhece garantida na palavra do outro, como pode observado quando as mães brincam no espelho com seus filhos. É isso que faz Lacan mostrar como o eu é uma instância de alienação.

Lacan diz que não é aí que as pessoas se estruturam: o sujeito já está estruturado pela linguagem e é isso que faz com que seja capaz de se assumir como imagem no estádio do espelho. Essa é uma virada importante que Freud nomeia, em Introdução ao narcisismo, de "nova ação psíquica", que é a assunção da imagem do espelho, mas só é possível a partir da determinação significante.

Nesse artigo, Freud diz que o narcisismo primário é o primeiro movimento de investimento na imagem, quando se enamora de sua própria imagem especular, que será determinante para suas relações de amor. Sempre que se enamora do outro, está se enamorando de sua própria imagem projetada no outro. O narcisismo secundário, segundo Freud, é quando o sujeito, diante de uma vicissitude da vida, retorna a investir exclusivamente no eu, retirando as capas libidinais que investe nos objetos do mundo. Freud indica que o narcisismo é o principal obstáculo para a análise, porque o amor à imagem totalizada faz barreira a qualquer apontamento que diga respeito ao inconsciente. Qualquer coisa que indique o inconsciente indica o não saber, o enigma, a não-explicação, o não-sentido, o contra-senso, enfim, aquilo que a imagem tenta revestir, mas está lá.

Na lição três, Lacan não fica somente na questão do narcisismo, mas avança para a questão do significante. Baseado no esquema de Boisse, que utilizara no relatório a Daniel Lagache, em *O seminário, livro 1*, ele afirma que a imagem que vemos no espelho é ilusória e de uma completude que não existe, não se vê a marca da castração do sujeito, não se vê a divisão subjetiva, não se vê sua patologia subjetiva. Vê-se uma imagem ideal, perfeita – i(*a*). Esse ponto privilegiado, com o qual o sujeito se vê como o eu ideal, é a imagem virtual, a única que vemos. A imagem real não pode ser vista. Lacan distingue o eu ideal, que é a imagem virtual completa, plena, na qual o sujeito se fascina e se aliena, do ideal do eu, que é um traço simbólico, uma marca,

o ponto a partir do qual o sujeito se vê amável pelo outro e com o qual o tempo todo compara seu eu.

Lacan assinala que nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há algo oculto nessa imagem, que só é visto de maneira virtual e que ele chama de - φ, o falo, reserva libidinal operatória. Ele não é especularizável, está ausente, mas dá brilho à imagem especular. É o falo como indicador da castração. É a reserva operatória porque está latente, para produzir algo sem aparecer. Lacan liga pela primeira vez o - φ ao objeto *a*.

O que está em questão na angústia é o objeto *a*. Lacan diz que a angústia sobrevém justamente no momento em que vem a ameaça de que a falta falte. A angústia de castração é tamponada e recoberta pela imagem, o que dá angústia é algo que escapa, que é o objeto *a*.

angústia como sinal de perigo; a angústia não é sem objeto

Lacan aprofunda, ao longo de *O seminário – livro 10*, dois axiomas principais que se complementam. Um é a angústia como sinal de perigo. Qual o perigo? É o perigo de que a falta falte. O outro é que a angústia não é sem objeto. Esse último implica que o objeto é prévio a qualquer evidência da angústia. O objeto não pertence à angústia, mas ela só pode existir porque existe o objeto. Isso será um ponto importante e sublinhado por Lacan – a angústia não é sem objeto, mas o objeto da angústia não é nomeável, ele escapa ao significante.

Ele trabalha a lição sete em cima da conferência Angústia e vida pulsional. Nesta, encontramos em Freud a dimensão indeterminada da angústia, e ele a define por meio da falta do objeto, em contraste com o medo, que se caracteriza pela existência de um objeto definido de que se tenha temor. Lacan, entretanto, diz que a angústia não surge, a menos que exista um objeto. O objeto é condição necessária para a emergência da angústia. A fobia é uma tentativa de nomear o objeto do medo para circunscrever a angústia. Lacan compara o objeto da fobia com a dúvida obsessiva, dizendo que esta não é fonte de angústia, mas é também uma tentativa de circunscrever a angústia. Na histeria, isso é mais complicado, pelo fato de o sujeito converter seu afeto no corpo, fazendo com que aparentemente fique um pouco mais livre da angústia, que é o que Freud diz da *belle indiference*. Isso porque, na histeria, pode-se se condensar e metaforizar o sofrimento psíquico em uma parte do corpo. Isola-se a angústia e, aparentemente, a histérica fica mais livre dela. Isso, no entanto, não pode ser afirmado, porque

a angústia, na histeria, está concentrada nos fragmentos esquecidos da história do sujeito. Esse "não saber" é o que faz a angústia das pessoas, são as falhas, os pedaços esquecidos, é aí que está a angústia.

Continuando a lição sete, Lacan comenta que o temor da castração é, obviamente, um temor imaginário. As mães já não ameaçam os filhos de perderem o "pipi" se mexerem neles. Nas meninas, a ameaça de perder o amor é, em última instância, a mesma coisa. O temor da castração é o temor da castração materna, de não ser o falo da mãe e perder o valor fálico que se tem. O medo da perda do amor no menino figura como ameaça da perda do pênis e, na menina, como realmente perdendo o amor. Aqui, Lacan trabalha a questão do falo e do valor fálico do sujeito. Trata-se da perda, do medo de perder o próprio valor fálico e, portanto, não ter mais valor para o outro.

Ainda nessa lição, Lacan faz uma divisão entre os objetos que podem ou não ser partilhados, quando começa a falar do objeto *a*. Diz que os objetos sensíveis da realidade podem ser partilhados, já o objeto *a* em questão na fantasia é exclusivo de cada um e não é cambiável. Lacan destaca que o seio (oral) e as fezes (anal) são os objetos da demanda que recobrem imaginariamente o objeto *a* causa de desejo. Os objetos que estão em causa no desejo, mais difíceis de capturar, são os objetos que caem como restos da operação edípica, da operação de recalque, como herança do complexo de Édipo, objetos por meio dos quais se torna presente para cada um o supereu: o olhar que vigia e a voz que adverte e critica.

o mito da "princesa despedaçada e a águia do estresse"

Uma mãe leva quase às últimas conseqüências o objetivo de se vingar do homem que a deixou e a substituiu por outra mulher, seu novo objeto causa de desejo. Usa a filha de cinco anos para se vingar do ex-marido apoiando-se nas leis do Estado e, "pagando caro", tenta impedir que tenha acesso ao pai. Como a menina responde ao ato da mãe de recorrer à Justiça, em um processo de separação litigiosa, para tentar impedir suas saídas com o pai? Adoecendo no corpo. Vira "objeto" da ciência, indo de médico em médico em busca de remédios para seus sintomas de "aperto no peito, dor de barriga, dor de cabeça, falta de ar, incontinência urinária e depressão". Depois de vários exames, em que os médicos nada constatam, é encaminhada para uma avaliação psicológica.

Na primeira sessão livre, entra com a mãe, sem querer sair de seu colo, mas acaba escolhendo brincar com fantoches:

duas bonecas que brigam por um boneco. Depois, escreve letras separadas, pedindo ajuda à analista para juntá-las, de acordo com as palavras que escolhe. Como exemplo, o significante "amor". Na segunda sessão, entra junto com o pai e, em seu colo, amarra e desamarra o cadarço do tênis, repetindo várias vezes esse ato, parecendo indicar o desenlace da união conjugal de seus genitores e o desejo de enlaçá-los novamente. Enquanto isso, pergunta insistentemente ao pai: "Está certo assim?". Ao entrar sozinha, inventa a história de um "laço brilhante" que tudo ilumina, desenhando-o sobre a cabeça de uma boneca que chama de Lenita, o que indica o estabelecimento da transferência. Depois constrói um livro de história (Fig. 2), nomeando-o "maravilha batalha" e "casa batalha" e dizendo: "É uma casa linda de amor, onde há paz e batalha", em clara alusão aos conflitos entre os pais. Quando os vê discutindo, mostra-se triste e deprimida. Em uma das primeiras sessões, desenha e conta a seguinte história: "É uma princesa que caiu em um buraco porque o príncipe a abandonou. O corpo dela explodiu e se quebrou todo, ficando despedaçado. A cabeça rodou e o corpo não sei para onde foi!". Em seguida, nomeia e aponta uma parte em cada lugar: "Cabeça, pé, joelho, perereca, bumbum, vestido" (Fig. 3). Depois, complementa: "O príncipe volta para visitar e salvar a princesa, mas quando ele vai embora, ela volta a cair no buraco". Aqui observamos que, de forma mítica, ela diz da angústia da separação, fazendo clara referência ao sofrimento com o afastamento do pai, seu objeto de amor.



Figura 2



Figura 3

Em entrevista comigo, a mãe informa que não aceita a separação do marido, muito menos da filha, e que já tinha tomado as providências com outro advogado, menos "bonzinho e mole" que o primeiro, para dificultar o acesso do pai à criança. Magoada, achando-se feia e gorda, tentava entender o que acontecera em seu casamento e o porquê de ter sido rejeitada e trocada por outra. Para afastar mais ainda a filha dos familiares do pai, contava histórias de bruxas, associando-as à avó paterna. Ao não receber apoio da analista, que alertou-a sobre os malefícios de seus atos, salientando a importância de separar as relações marido–mulher e preservar as relações pais–filhos em função da saúde psíquica da criança, afasta-se, interrompendo o tratamento da filha.

Quatro meses depois, com o agravamento dos sintomas, a criança retorna à análise, apresentando-se deprimida, alegando falta de ar e dor no peito. Convidada pela analista a falar e brincar, recusa-se, alegando estar muito desanimada. Permanece sentada no sofá, encurvada, calada, visivelmente angustiada, sem ao menos olhar para os brinquedos. Continua triste e diz que não quer mais ir à escola nem ver as amigas de que tanto gosta. Ao ser indagada sobre o motivo de tanto desânimo, responde: "Não sei". Quando volta na outra sessão, mais animada, diz que teve um sonho, passando ao seguinte relato: "Sonhei que o mar ia jogando cartas para mim e para todo mundo. O mar é cheio de estrelas. Sabe quem escreveu essas cartas?". "Quem?", pergunta a analista, a que ela responde: "A Iemanjá, a rainha do mar!". Aqui, a analisante retoma a transferência, situando a analista no lugar de Iemanjá. Em seguida, levanta-se, indo em direção à mesa, dizendo que queria escrever "o livro do advogado". Diz que mudou. Antes, no início do tratamento, queria ser escritora, agora quer ser advogada. Pergunto: "Por que advogada?". "Porque mexe com papelada". Mudando radicalmente, mostra-se feliz em seu projeto de trabalho, dizendo que Iemanjá jogou as cartas para ela. Ao sair, exclama: "Guarde tudo, porque, na próxima vez, vou mexer nesses papéis e escrever a história do advogado".

Em outra sessão, faz o desenho de um coração, de onde saem duas setas que se dirigem a dois caminhos opostos e totalmente diferentes: uma seta em direção ao sol e outra indicando o trovão, em que aparece novamente uma "princesa sangrando na boca por ter caído no buraco" (Fig. 4). Ela pede que a analista faça uma escolha quanto ao caminho a seguir: "Lenita, você quer o caminho do sol ou o caminho da morte?". Logo ela mesma escolhe, respondendo: "É claro que é o caminho do sol, que é o caminho feliz, da vida!". Em seguida, põe-se a pesqui-

sar, recortando palavras nas revistas, que farão parte do que chama "o livro do advogado". A analista pergunta: "De que trata esse livro?". Ela responde: "O livro do advogado é onde os adultos escrevem, é o que eu vou chamar de o sonho mágico ou então de papel mágico. O livro do advogado é aquela papelada em que tem as ordens dele, aquilo que ele resolve". Começa a desenhar e diz que está fazendo o "símbolo da delegacia do advogado", que ela associa até exclamar: "parece a máscara do Batman". Ao lado, desenha um pássaro, dizendo: "É uma águia". Em seguida, confecciona mais um "livro do advogado", intitulando-o "A águia do estresse" (Fig. 5). Na primeira página, desenha a ave e pede à analista que escreva: "O advogado é estressado, aborrece as pessoas e as crianças" (Fig. 6). Pode-se notar, aqui, o modo como ela vivencia a questão judicial que ocorre na família. Na página ao lado, recorta e cola palavras iniciadas pela letra a: "aparece, avó e ajuda", mas acrescenta "mãe" (Fig. 7).

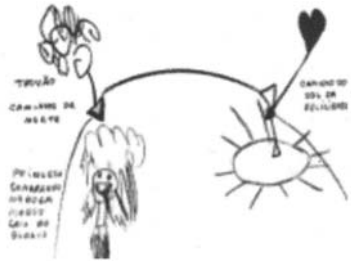


Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

Na sessão seguinte, volta a organizar outro livro, dizendo: "Esse é o processo do clone que eu vou botar na justiça". A partir daí, desenha um esquema (Fig. 8) com diversas setas e caminhos, indicando várias opções de relacionamentos e casamentos, o que constituirá a capa e o tema de um novo livro. E assim ela continua repetindo, construindo histórias para mostrar seus desejos e elaborar a situação traumática familiar. Ela se utiliza, por exemplo, dos personagens da novela *O clone*, dizendo: "A Jade pode ficar com o Leo ou com Said. Se a Jade ficar com o Leo, ela não pode ficar com Radija, sua filha. A menina quer ficar com a mãe e com o pai, e quer que a Raina, a outra mulher do pai, saia da sua vida, porque Jade é a primeira mulher".

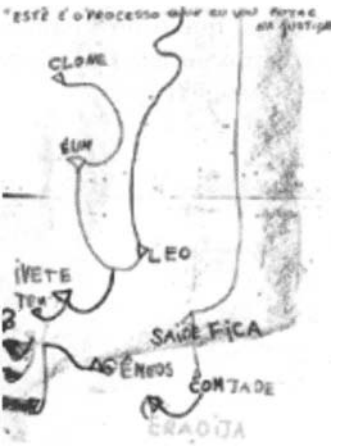


Figura 8

Durante uma entrevista, o pai diz que a filha não perde um capítulo da novela *O clone*, e que esta mostra uma situação vivenciada pela filha, submetida, em certos aspectos, a outras tradições, a uma cultura diferente da brasileira. Além disso, informa que se casou novamente, não tendo ainda contado à filha sobre esse fato, embora desconfie que ela já saiba pela mãe, que investigou sua vida.

Em um outro momento da análise, ela desenha uma princesa (Fig. 9) e, ao dizer que suas bochechas estão vermelhas, exclama em um ato falho: "Ela está apaixonada". Imediatamente corrige, dizendo: "Não, ela está envergonhada". Pontuo: "Apaixonada, por quem?". "Pelo Said, ela é a Jade, mas tem outra mulher na história. As duas são apaixonadas pelo mesmo homem!".



Figura 9

Enquanto desenhava, dizia: "Princesa gorda, não pode. Só mãe pode ser gorda. A princesa está com brinco e salto alto, igual a você. E é clone de você Lenita, porque é magra". Na sessão seguinte, chega toda enfeitada, com cordão, brincos, pulseiras, sapatos de salto, dizendo que estava igual à avó: "Quando ela vai à festa, fica igual a uma perua". Pergunto: "Você gosta?". "Gosto muito". A seguir, desenha uma princesa enfeitada, como uma "perua" (Fig. 10). Nesse momento, vira-se para o espelho, sorri admirando sua própria imagem projetada. Ao ser interrompida, com o corte da sessão, exclama: "Não acabei ainda não, mulher!".



Figura 10

Notamos nesse caso um sujeito construindo ficções e sintomas que remetem a enigmas a serem decifrados. É a partir da repetição das brincadeiras e da construção dos mitos da princesa (despedaçada, sangrando), das cartas de Iemanjá, das histórias dos livros do advogado e dos conflitos familiares da telenovela *O clone* que ela tenta semidizer sua verdade, já que esta não pode ser toda dita. Por meio dos mitos, ela diz o impossível de dizer, aquilo que escapa ao significante, buscando esvaziar sua angústia. Ela constrói, dessa forma, seu romance familiar, para expressar sua questão neurótica e sua existência como ser sexuado.

A angústia emerge a partir de uma experiência traumática, representada pelo afastamento de seu pai, pela ameaça de perder o seu amor. Isso ocorre no momento em que vivencia o Édipo, ou seja, em que precisa mudar de objeto de amor – deslocando-o da mãe para o pai – e de zona erógena, em seu percurso em direção à feminilidade. E é justamente nesse momento que, submetida aos caprichos da mãe, é impedida de conviver com o genitor. Tal situação a conduz a um sentimento de desamparo. Paradoxalmente, acompanha a mãe nas visitas ao advogado, profissional visto por ela como ameaçador e poderoso, seja como "a máscara do Batman", seja como "a águia do estresse que dá ordens e aborrece as pessoas e as crianças". Complementando, diz: "Ele tem o papel mágico, o livro que resolve o negócio de empregada e separação de marido e mulher".

Como vimos, os sintomas dessa criança expressam a angústia e o sofrimento psíquico que, aparecendo sob a forma de somatizações, sugerem a hipótese de uma neurose histérica. Segundo Freud, em Rascunho K., na histeria o início está no trauma sexual, pressupondo uma experiência primária de desprazer de natureza passiva, de um gozo a menos. Do trauma, então, tem-se uma representação sob o qual incidirá a barreira do recalque. O destino do afeto, que acompanha a representação recalcada, seria a conversão em algum lugar do corpo, e disso resultaria o sintoma.

Durante o processo analítico, a menina escolhe o "caminho do sol, da vida e da felicidade", que substitui o gozo mortífero dos sintomas (conversivos), ou seja, "a queda no buraco, o caminho da morte", como diz. Observamos, desse modo, que ela procura enquadrar, ou melhor, proteger-se da angústia por meio da imagem especular e da fantasia. Inicialmente identificada com a mãe, acaba por se decepcionar ao vê-la ser rejeitada pelo pai como objeto de amor. Sofre como ela por ter sido

abandonada também, o que procura elaborar por meio dos significantes, das histórias que constrói. Ao longo da análise, há um deslizamento metonímico e ela tenta libidinizar outros objetos. A imagem do objeto – i(*a*) – fascina, vela o brilho do objeto *a*, que surge posteriormente tamponado, ora pela imagem da avó, "enfeitada, perua", ora pela imagem da analista, "magra e elegante", por meio da transferência. Em um segundo momento, passa a se identificar com a imagem de uma "princesa magra, bonita e perua", como passa a se ver no espelho do consultório (eu ideal), fazendo um corte com sua mãe, que é vista no eixo especular como "gorda". Diz ela: "Princesa gorda não pode". Com o tratamento, a menina se descola dos significantes da mãe, que, frustrada, repete que "o pai não presta, que é um cafajeste", admitindo a possibilidade de amar e ser amada por um príncipe. Passa a olhar sua imagem no espelho, a admirar-se narcisicamente, inventando histórias e fantasias em relação à paixão e ao amor entre o príncipe e a princesa, com a qual se identifica, o que aparece simbolicamente por meio de um ato falho ("Ela está apaixonada") e de seus desenhos (Fig. 11, 12 e 13). Assim,



Figura 11



Figura 12

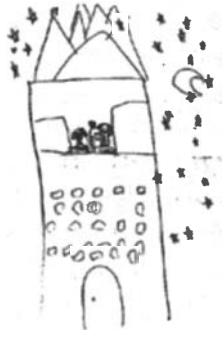


Figura 13

com a fantasia, ela tenta libidinizar o objeto, e, ao revesti-lo com a imagem, põe libido nesse objeto, ficando fascinada pelo outro (narcisismo). Desse modo, defende-se da angústia de castração, ou seja, do temor de perder o próprio valor fálico e, portanto, não ter mais valor para o outro.

Observa-se que essa criança precisa escrever, necessita do simbólico e das palavras para dizer do real, do vazio que se abriu com o brusco afastamento do pai a partir do desejo da mãe, reforçado pela entrada da lei do Estado. Atendendo ao pedido da mãe, o operador de Direito a orienta a não deixar o pai sair com a filha até que sejam regulamentadas oficialmente as visitas. Só que, dessa forma, a mãe não percebe, ou não quer saber, que se trata de um duplo castigo, em que a menina também é atingida. A mãe conta com a ajuda de um advogado. Esse último, ao endossar seu desejo de vingança, reforça a punição, não só em relação ao pai, mas também no que se refere à filha, que se encontra entre duas pessoas cujo amor e proteção lhe são indispensáveis para viver. Impotente e angustiada diante da situação familiar conflituosa, só lhe restava uma saída: adoecer. Dessa maneira, ela faz sintomas, entre outros motivos, para que os Outros, paterno e materno, percebam e tratem de sua angústia diante da separação. A mãe, preocupada com o estado da filha e atingida em seu narcisismo, recua assustada, pedindo a participação do pai da criança. Retornam à psicanalista, que é convocada não só para construir um saber sobre a verdade dos sintomas da criança, como também para entrar na função de mediadora da situação familiar. Trata-se de uma aposta no discurso e no desejo do analista.

referências bibliográficas

ABREU, A. *A guarda compartilhada.* Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Promotores de Justiça da Família, Aracaju.

ALTOÈ, S. (org.) *Sujeito do direito, sujeito do desejo. Direito e Psicanálise.* Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

BRITO, L. M. T. *SE-PA-RAN-DO. Um estudo sobre a atuação dos psicólogos nas Varas de Família.* Rio de Janeiro: Relume Dumará / UERJ, 1993.

BRITO, L. M. T. *Ser educado por pai e mãe: utopia ou direito de filhos de pais separados?* Rio de Janeiro, 1999. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE PSICANÁLISE E CRIANÇA. *Revista Carrossel.* EBP-BA, ano 1, n. 0, abril de 1997.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE PSICANÁLISE E CRIANÇA. *Revista Carrossel: A criança-sintoma.* EBP-BA, ano I, n. 1, outubro de 1997.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE PSICANÁLISE E CRIANÇA. *Revista Carrossel: O infantil.* EBP-BA, ano II, n. 2, abril de 1998.

FREUD, Sigmund (1894) Rascunho E. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. I.

FREUD, Sigmund (1895[1894]) Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. III.

FREUD, Sigmund (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. I.

FREUD, Sigmund (1900-01) A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. V.

FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VII.

FREUD, Sigmund (1909a) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. X.

FREUD, Sigmund (1909b) O Homem dos ratos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. X.

FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1915) A repressão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1916) Conferência XVII: O sentido do sintoma. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund (1916-1917a) Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund (1916-1917b) Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund (1917[1916]) Conferência XV: A angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund (1918[1914]) História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVII.

FREUD, Sigmund (1919) O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVII.

FREUD, Sigmund (1920) Mais além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund (1923) O eu e o isso. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1925[1916]) Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XX.

FREUD, Sigmund (1929-1930) O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund (1932-1936) Conferência XXXII: Angústia e vida pulsional. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXII.

FREUD, Sigmund (1933) Conferência XXXIII: A feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXII.

FREUD, Sigmund (1950[1895]) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise – O legado de Freud e Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 4: A relação de objeto (1956-1957).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958a) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958b) A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958c) A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor; 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 9: A identificação (1961-1962)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário: A angústia (1962-1963)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1974) La tercera. Em: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1975.

LACAN, Jacques. (1975) Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. Em: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1975.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança. *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 21, abril de 1998.

MARRAIO. Rio de Janeiro, n. 0, setembro/2000.

MARRAIO. Rio de Janeiro, n. 1, abril/ 2001.

MILLER, J. A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 26/27, abril 2000.

PEREIRA, R. C. *Direito de família: uma abordagem psicanalítica*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

RIBEIRO, M. A. C. A pulsão e seus destinos. In: *Os destinos da pulsão sintoma e sublimação*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

RIBEIRO, M. A. C. *Transcrições de seminários sobre a angústia*. Apresentado nas FCCL em 2001 e 2002.

TENDLARZ, S.E. *De que sofrem as crianças? A psicose na infância*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

resumo

Neste trabalho, procuro fundamentar de que modo o sintoma da criança se relaciona com a família. Em conexão com outro campo do saber, o Direito de Família, gostaria de sinalizar que nos casos de separação conjugal litigiosa ocorrem os maiores problemas envolvendo os filhos, quanto às questões de guarda, visitação e outras responsabilidades. Em geral, encontramos a criança como objeto de vingança e disputa judicial entre os pais, sendo muitas vezes desconsiderados e anulados seu desejo e sua subjetividade, o que não ocorre sem conseqüências e sofrimentos para ela. Como postula Freud em Mais além do princípio do prazer, a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis expressa a tentativa da criança de elaborar situações traumáticas e de angústia. A partir desse ensinamento e de observações de manifestações de angústia na clínica com a criança, várias questões se colocaram, levando-me, inicialmente, a pesquisar e fazer um breve histórico sobre a angústia em Freud e Lacan. Ao fim, um caso de minha clínica ilustra o contexto teórico estudado, mostrando como a análise tornou possível que uma criança passasse da somatização severa como resposta ao conflito familiar à construção de mitos, em que ela diz do real, do impossível de dizer, buscando, desse modo, esvaziar sua angústia e semidizer sua verdade.

abstract

In this dissertation I try to establish the relationship between the child's symptom and the family. In connection with another field of knowledge, family law, I attempt to show that marital separations made under litigations cause the biggest problems involving the children, such as custody awards, visits and other responsabilities. In general, we find the child as the object of revenge and court disputes between the parents. The child's wishes and subjectivity are ignored and annuled most of the time, which can bring serious consequences and suffering to the child. As postulated by Freud, in Beyond the pleasure principle, the compulsion to repetition in children's games express the child's attempt to deal with traumatic and anguish situations. From this principle and also from observations of clinical anguish manifestations in children, many questions arose, leading me, initially, to conduct research and to make a brief record about anguish in Freud and Lacan. Finally, one of my clinical cases illustrates the theoretical context studied, showing how psychoanalysis made it possible for a child to recover from severe somatic symptoms, due to family conflicts, to the construction of myths, where he was able to talk about the real, about the impossible to say, trying thus, to get rid of his anguish and half-say his truth.